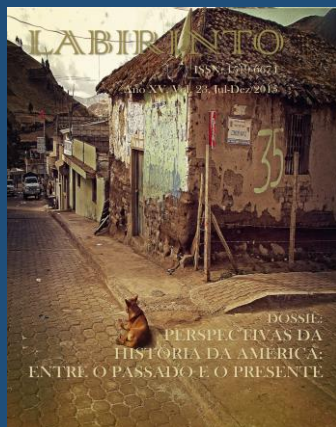


UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XV
VOLUME 23
(JUL-DEZ)
2015
PP. 342-351.

D. PEDRO II, UM “MONARCA EMPREENDEDOR”

(RESENHA DA OBRA: KHATLAB, ROBERTO. AS VIAGENS DE D. PEDRO II: ORIENTE MÉDIO E ÁFRICA DO NORTE, 1871 E 1876. SÃO PAULO: BENVIRÁ, 2015)

KEVIN SILVA SANTOS CONCEIÇÃO

Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá
kevinkataro@hotmail.com

Roberto Khatlab estudou Teologia e Filosofia Oriental, pesquisador e escritor na área de história das religiões, história da emigração e imigração, mais especificamente libanesa no Brasil e brasileira no Líbano, na qual possui vasta obra. É diretor do Centro de Estudos e Culturas da América Latina, da Université Saint-Esprit de Kaslik, CECAL-USEK e pesquisador no Centro de Estudos da Emigração Libanesa da Universidade Notre Dame, no Líbano. É maringaense, naturalizado libanês e atualmente vive em Beirute, no Líbano.

Em agosto de 2015, a editora Benvirá lançou a mais nova obra do autor: *As Viagens de d. Pedro II: Oriente e África do Norte*, na qual, de forma inédita, analisa arduamente esse período histórico. Assim, nosso objetivo aqui é analisar esta obra, destacando seus principais pontos e, por fim, apresentar nossos comentários e impressões.

Segundo Roberto Khatlab, durante sua vida dedicada ao império brasileiro, d. Pedro II fez diversas viagens ao interior do Brasil, com o intuito de conhecer seu povo e seu território. Além disso fez três viagens não oficiais, custeadas com recursos próprios, ao exterior, classificadas por ele, como de turismo e de conhecimento científico. D. Pedro II nessas viagens objetivava trazer para sua pátria mais conhecimentos e também divulgar o Brasil no além-mar, como cidadão brasileiro.

Assim, o autor contempla nessa obra duas dessas viagens. A primeira, em 1971, que passou pela Europa, Oriente Médio e pela África do Norte, tendo visitado o Egito. E a segunda, em 1976, que passou pela América do Norte, Europa, Ásia e novamente pelo Oriente Médio e África do Norte, por onde passou por Beirute, Líbano, Síria, Palestina, Egito e Núbia sudanesa (sudão), afirma o autor.

Para tanto, o autor se utiliza de uma vasta documentação, com mais de 2.210 documentos, que fazem parte do conjunto documental do período de 1840-1913. Segundo Khatlab, entre essa documentação se encontra o diário de d. Pedro II, com mais de 5.000 páginas, em 44 cadernetas, manuscritos, roteiros de viagem e 67 paisagens desenhadas de próprio punho, além de 10 diários da imperatriz dona Teresa Cristina, do diário de viagem da condessa de Barral (Luísa Margarida de Barros Portugal), do visconde do Bom Retiro (Luís Pedreira do Couto Ferraz), livros de visitas e registros de contatos do imperador, relatórios de despesas da mordomia da Casa Imperial do Brasil, jornais, panfletos, programas, saudações, homenagens, convites, desenhos e fotografias.

Esse Conjunto Documental se encontra no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis, com

o qual o Arquivo recebeu indicação no Registro Memória do Mundo do Brasil de 2010 da Unesco – MOW Brasil, afirma o autor.

Além dos documentos já citados, o autor ainda apresenta na obra várias cartas, escritas pelo monarca e recebidas de amigos, assim como documentos e artigos, em português, árabe, hebraico, francês e inglês, de jornais, revistas e diários da época, alguns inéditos, afirma Khatlab.

Com esse rico aporte documental, articulado à suas impressões, Roberto Khatlab busca apresentar as viagens de d. Pedro II e o seu olhar sobre as regiões do Oriente e África do Norte, realizando uma análise multidisciplinar para o conhecimento das diferentes áreas do saber e suas relações com o nosso país.

Khatlab destaca d. Pedro II como uma pessoa difícil de se definir. Ao citar o antropólogo Roberto da Matta, o autor afirma que d. Pedro II não nasceu, foi fundado, tornou-se patrimônio nacional. D. Pedro II era dito como um homem jovial e incansável, um “monarca empreendedor” e desbravador. Todas essas características se evidenciam no percurso de suas viagens em transatlânticos, barcos, canoas, trens, carruagens, a camelo, a cavalo, a burrinho, em égua e a pé, afirma Khatlab.

D. Pedro II era um homem culto e interessado em estreitar as relações diplomáticas e comerciais com o mundo, e suas viagens também tiveram essas intenções, buscando sempre trazer conhecimento, referências e materiais de pesquisa para desenvolver as instituições brasileiras de ensino e de pesquisa.

Segundo o autor, em seu diário, d. Pedro II faz anotações sobre o ensino nas escolas e universidades, livros, observa a exploração de petróleo e de minérios, a produção e fiação de seda, o cultivo e a produção de cana-de-açúcar, de algodão, de café, bambu, todo esse trabalho com o intuito de contribuir no desenvolvimento de seu império.

D. Pedro II possuía ligações familiares e políticas com a Europa, além de ser uma região sobre a qual muito lera e tinha enorme intenção de conhecer, esses e outros fatores, como o falecimento de sua filha, a princesa Leopoldina, motivaram suas viagens pelo “antigo mundo”.

No entanto, o monarca possuía enorme fascínio pelo “antigo mundo”, justificando suas viagens pela África do Norte e ao Oriente Médio. Seu interesse nessas regiões fizeram com que estudasse e pesquisasse tudo que estivesse ao seu alcance sobre elas, até mesmo suas viagens pela Europa tiveram o

intuito de conhecer e discutir assuntos ligados ao Oriente, como por exemplo sua viagem à Rússia para participar do Terceiro Congresso dos Orientalistas.

D. Pedro II, inclusive, estudou línguas semitas, como árabe, hebraico e aramaico, idioma que falava, lia e escrevia. O monarca, assim, se destaca como orientalista e egiptólogo, estudando com orientistas que passaram pelo Brasil, que o introduziram no estudo da história, geografia, arqueologia, a egiptologia, os diferentes idiomas, as culturas, as religiões e a literatura.

Khatlab ainda o apresenta como arabista e hebraísta, interessado pelo idioma árabe, língua falada no Brasil, em senzalas e nas ruas de Petrópolis, Rio de Janeiro, e pela língua hebraica. Seu interesse em tais idiomas se evidencia em sua tradução de parte do clássico *As mil e uma noites*, no caso do árabe, e a leitura da Bíblia na escrita original, no caso do hebraico.

No entanto, o autor ressalta que d. Pedro II foge ao entendimento de orientalista como político interessado em se impor no Oriente e o compreende, em quanto orientalista, como intelectual conhecedor do Oriente.

Dessa forma, as viagens de turismo e conhecimento científico realizadas por d. Pedro II pela Europa, África do Norte e Oriente Médio, se justificam

pelos seus laços familiares e políticos. Além disso, o Tratado de Amizade, Comércio e Navegações entre o Brasil e o Império Otomano, assinado em 5 de fevereiro de 1858, facilitava a entrada de d. Pedro II na região e possibilitava, ainda mais, que essas viagens servissem para estreitar as relações entre os governos, podendo preparar um campo econômico para o Brasil no Oriente.

A primeira viagem teve início em 25 de maio de 1871 e compreenderia 10 meses de ausência do monarca e sua esposa, a imperatriz Teresa Cristina (1822-1889), além da comitiva formada por mais 15 pessoas. Saíram do Rio de Janeiro, no navio inglês Douro, da Royal Mail Stream Packet, passando pelos portos da Bahia e Pernambuco, seguindo para Lisboa.

Segundo Khatlab, esta primeira viagem ao exterior gerou muita polêmica no Brasil. Havia muitos elementos que conturbavam a situação política brasileira da época, como a recém acabada guerra com o Paraguai (1864-1870) e a questão abolicionista. Assim, nesse contexto, o povo achava inadmissível a ausência do imperador.

No entanto, o falecimento da filha de d. Pedro II, a princesa Leopoldina de Saxe-Coburgo, em Viena, justificou a ausência do monarca, que deixava de ser meramente turística para ser uma viagem, também, de

luto. Dessa forma, foi decretado luto na corte, de modo que d. Pedro II pôde viajar e deixar na regência sua filha, a princesa Isabel (1846-1921), com a concordância da Assembleia Geral, afirma Khatlab.

Após chegar em Portugal, d. Pedro II e sua comitiva partiu de trem para a Espanha, continuou para a França, indo para a Inglaterra, onde leu a bíblia em hebraico clássico, na sinagoga central da Great Portland Street, deixando os rabinos admirados, afirma o autor.

Seguiu viagem rumo a Bélgica, Alemanha e Itália, embarcaram no vapor Puhna rumo à África do Norte e Oriente Médio, onde, segundo o autor, previa passar quinze dias no Egito, visitando Alexandria, canal de Suez, Port Said, Ismaíia e Cairo.

Na passagem pela Europa, Khatlab destaca o encontro de d. Pedro II com a Condessa de Barral, encontro tão esperado pelo monarca e pela condessa. A relação dos dois, que aparece no diário de d. Pedro II, quase todo ele dedicado à condessa, demonstra um lado do monarca muitas vezes ignorado, uma personalidade poética e romântica, em contraste com ideia passada pelos seus cabelos e barba brancos e sua postura sempre austera, afirma Khatlab.

O autor ainda aponta que a correspondência mostra uma amizade diferenciada entre d. Pedro II e

Barral. Apesar de não conter intimidades, o diário e as cartas do monarca deixam transparecer, nas entrelinhas, que tudo o que era escrito era dirigido à Barral, que ele tanto admirava.

O período em que d. Pedro II faz suas viagens pelo Egito é marcado pelo governo de Ismail Paxá, um governo de reformas e modernizações, com melhorias do sistema administrativo, reorganização das escolas militares e investimentos na educação. Portanto, d. Pedro II chega ao Egito em um período de certa independência do país, possibilitando que o Brasil criasse um consulado próprio no Cairo e, em 1968, um consulado honorário em Alexandria.

Segundo o autor, em Alexandria, d. Pedro II realizou um trajeto diferente de outros turistas, que chegavam ao porto e logo seguiam para o Cairo para ver as grandes pirâmides. No entanto, o monarca visitou a área portuária, assim como o centro e a periferia, a qual não teria conhecido caso estivesse em visita oficial e dentro do protocolo. Ainda, segundo Khatlab, nesse trajeto notou os monumentos abandonados e criticou o estado da cidade, lamentando o desleixo em que achava aquele grande patrimônio histórico da humanidade.

De Alexandria d. Pedro II segue para o Cairo, passando pelo canal de Suez, via marítima que liga o mar

mediterrâneo ao mar Vermelho, passa, assim, pelas cidades de Suez, depois Ismaíia, cidade símbolo da vitória contra Israel, seguindo para Port Said, cidade portuária ao norte do Egito.

De Port Said d. Pedro II e sua comitiva finalmente chegam ao Cairo, onde, primeiramente visitam a mesquita de Mohamed Ali. Nesse período a mesquita e, também, os sítios arqueológicos eram de difícil acesso aos turistas não mulçumanos, assim, antes de visita-los o imperador solicitou uma permissão de entrada nesse locais. No Cairo, visitou também o Museu de antiguidades de Bulak. Também, pela primeira vez, encontrou o vice rei Ismail, com quem dali em diante passou a corresponder-se.

Visitou, ainda, as pirâmides de Gizé, no subúrbio do Cairo, às margens do Nilo. Ali encontrou o sítio arqueológico que compreende a Esfinge e as três pirâmides dos faraós: Queóps, Quéfren e Miquerinos. Em plenos 45 anos, d. Pedro II escalou a pirâmide de Queóps e durante a descida ainda adentrou o monumento, tirou fotos e descreveu em seu diário o panorama esplêndido do alto da pirâmide.

Segundo Khatlab, o imperador cita rapidamente no diário as pirâmides de Quéfren e Miquerinos, que são menores que a de Queóps. Junto à Esfinge ainda tirou

uma foto, que se encontra hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, autografada e datada.

O imperador ainda visitou Mênfis ou o pouco que sobrará da maior cidade do antigo Egito e visitou Sakkarah, vilarejo a 28 km do Cairo. No Cairo, em 8 de novembro de 1871, visitou a biblioteca do Instituto de Arqueologia e no dia seguinte ainda visitou as pedreiras de Mokattan.

Por fim, no dia 9 de novembro de 1871, d. Pedro II e sua comitiva retornam a Alexandria de trem, onde, no dia 11 de novembro, voltaram à Europa para o retorno ao Brasil. Em Alexandria o imperador ainda relata sua última jornada à condessa de Barral por carta. No retorno vão de Alexandria para Brindisi, na Itália, passando pela Ásia Menor, Rodes e Creta, onde o monarca faz novos relatos à condessa de Barral. Seguem para a França de onde vão para o sul em direção a Portugal.

Segundo Khatlab, no dia 5 de março de 1872, o imperador e sua comitiva partem em direção ao Brasil no navio Boyne. D. Pedro II leva dois de seus quatro netos, filhos da falecida princesa Leopoldina. No dia 30 de março de 1872 o navio chega à baía de Guanabara, sendo recebido pelo povo eufórico, com o Arsenal da Marinha a postos.

Da viagem, que durara dez meses, d. Pedro II trazia vários livros, documentos, instrumentos científicos e outros objetos. Além de informações práticas voltadas para diversas áreas, como agricultura e indústria, e os contatos de especialistas que serviriam aos seus ministros e às instituições para colocar as novas ideias em prática para o desenvolvimento do País, afirma Roberto Khatlab.

Quatro anos depois, no dia 26 de março de 1876, d. Pedro II inicia sua segunda viagem não oficial. Dessa vez passaria pela América do Norte, Europa e novamente pelo Oriente Médio e a África do Norte. No entanto, para essa viagem não houve grandes polêmicas para a aprovação da Assembleia Geral, pois o Brasil iria participar da Exposição Internacional de Filadélfia, juntamente com o presidente dos Estados Unidos, Ulysses Grant (1869-1877), o que justificaria a ausência do imperador, segundo o autor.

Essa segunda viagem, a mais longa delas, duraria 18 meses. Em sua primeira parada nos Estados Unidos, onde quebrou sua inicial intenção de realizar uma viagem não oficial, durante a Exposição Internacional, fez contatos, tomou conhecimento sobre as inovações estadunidenses, como o telefone e a exploração de

petróleo. Além disso, visitou a Pensilvânia, berço da Industrialização do país.

Ainda durante a exposição, d. Pedro II encontrou expositores árabes que vinham do Líbano e Monte Líbano, incentivados pelo Império Otomano para expor seus produtos durante o evento. Após a exposição, d. Pedro II e sua comitiva partiram para o Canadá, onde visitariam as cataratas do Niágara, e depois iriam para a Europa, completando três meses de viagem pela América do Norte.

No Velho Mundo, o imperador encontraria a condessa de Barral e depois iria para a Rússia, onde participaria do Terceiro Congresso dos Orientalistas e faria seus contatos voltados aos estudos orientais. No entanto, o congresso acaba por decepcionar muito o monarca, escrevendo em seu diário o evento como superficial e destituído de metas práticas para as gerações futuras.

O imperador e sua comitiva ainda passam pela Ucrânia, e no dia 1º de outubro de 1876 chegam a Constantinopla, em pleno mês de Ramadã. Segundo Khatlab, D. Pedro II destaca a cidade como colorida, fascinante, misteriosa e encantadora, como um conto d'As mil e uma noites. Além disso, o monarca observa certa liberdade religiosa nas ruas e testemunha a

coexistência de várias raças no país, ao contrário do que se tanto divulgava sobre o país, como uma região sem liberdade e cheia de restrições.

Em Constantinopla, d. Pedro II encontraria o sultão Abdul Hamid II, e ainda visitaria museus, instituições de ensino, o observatório imperial otomano e a Mesquita de Eyüp, no Chifre de Ouro.

Da Turquia seguiriam viagem para a Grécia, de onde ainda passaria por regiões da Ásia Menor, as ilhas do mar Egeu, Éfeso e Rodes, além da ilha de Chipre, e chegaria ao Oriente Médio. D. Pedro II visitaria primeiro Beirute, na época província do Império Otomano. Era a Porta do Oriente, responsável pelos intercâmbios comerciais e intelectuais entre a Europa e o Oriente. Assim, Beirute era uma das cidades mais movimentadas e luxuosas na época em que d. Pedro II passou por lá, afirma Roberto Khatlab.

Em Beirute, d. Pedro II saiu pelas ruas, como de costume, visitou igrejas, mesquitas e escolas do centro de Beirute, entre elas o Collège Notre Dame de Nazareth, o Colégio La Sagesse, o Protestante Sírio. Em 12 de novembro, o imperador seguiu para visitar Nahr el-Kalb, região parte da rota da seda. Fez o percurso cavalgando uma égua branca, entrando, assim, na região do Monte Líbano.

Após algumas idas e vindas entre Beirute e Monte Líbano, d. Pedro II atravessa o Monte Líbano e segue para Baalbek, na Síria. Realiza o trajeto de Beirute a Damasco e, ainda sobre a égua branca, continuaria para Jerusalém e depois de Jafa, Palestina. Assim, o monarca percorreria mais de 500 km a cavalo, entre 14 de novembro e 6 de dezembro, afirma Khatlab.

Na Síria, d. Pedro II e sua comitiva visitam o Templo de Baco, de Júpiter e Vênus. E posteriormente segue para Damasco, onde passaria por monumentos religiosos, como a Mesquita dos Omíadas e pelo Mausoléu de Saladino, além de visitar personalidades da época, como Abd-el-Kader, símbolo da resistência Argelina contra o colonialismo francês e Lady Ellenborough.

Após a passagem por Damasco, finalmente d. Pedro II seguiria para sua peregrinação pela Terra Santa. Na Palestina visitaria Jerusalém e os locais bíblicos sobre os quais tanto lera. No período da visita do monarca, não havia ainda a divisão entre Palestina e Israel, mas sim, era dividida pelo Império Otomano em duas grandes regiões, de Jafa a Jericó e mais o rio Jordão, com terras pertencentes à província de Beirute, e de Jafa, a faixa litorânea, até Sinai, pertencendo ao distrito de Jerusalém, afirma Roberto Khatlab.

Segundo o autor, com o olhar de peregrino cristão dos trópicos, d. Pedro II percorreu a cavalo e a pé os diversos lugares santos, igrejas, mosteiros e santuários, além de mesquitas e sinagogas. Ainda comenta em seu diário a natureza, a geografia, o povo, as tradições e recolhe folhas e flores para guardar de lembrança.

Após sua peregrinação, no dia 5 de dezembro, d. Pedro II e sua comitiva deixaram a cidade de Jerusalém para seguir para Jafa. Em Jafa reencontra o navio Águila Imperial, que o deixara em Beirute. Depois de visitar a Terra Santa, d. Pedro II pretendia navegar o Rio Nilo.

Assim, a bordo do Águila Imperial, d. Pedro II sai de Jafa e segue para Port Said, Egito. Seguem pelo canal de Suez, passando por Ismaíia e tomam o trem até o Cairo, refazendo o trajeto realizado em sua primeira viagem. Segundo Khatlab, no dia 11 de dezembro, eles embarcam num vapor para a grande viagem até o alto Nilo.

Khatlab destaca que boa parte dos relatos sobre essa parte da viagem está em francês. Com relatos dos lugares com pouco rigor científico e literário, o autor acredita que d. Pedro II tinha a intenção de preparar tais textos para uma futura publicação.

No Alto Nilo, d. Pedro II visita monumentos históricos e faz observações sobre as pessoas, seus costumes e religião, anotando clima, distâncias e metragens. Fazia, assim, uma expedição para fins de estudo, de modo a criar um documento importante como contribuição para o conhecimento do antigo Egito, seus povos e monumentos. Seus escritos, afirma Khatlab, revelam locais e aldeias que já desapareceram, por exemplo parte da Núbia, submersa no lago Nasser durante a construção da barragem de Assuã.

No dia 6 de janeiro de 1877, d. Pedro II e sua comitiva retornam para o Cairo, de onde seguem para Alexandria. No dia 16 de janeiro partem para a Sicília, na Itália, deixando assim o Oriente e a África do Norte. No retorno ainda passam pela França e regressam ao Brasil.

Segundo Roberto Khatlab, todo esse aporte documental analisado por ele atesta a ciência de d. Pedro II como orientalista, arabista, hebraísta, egiptólogo e, sobretudo, conhecedor do Oriente Médio e da África do Norte. Seu vasto conhecimento atraía pessoas por onde passava, desde camponeses até altas autoridades. Apesar das críticas de muitas pessoas da época por suas viagens, d. Pedro II obteve o sucesso que desejou, afirma o autor. Este compreende que o monarca deu passos importantes para o

desenvolvimento do Brasil, pois abriu portas em diversas áreas, incentivou brasileiros a estudar e desenvolver-se naquilo de que o Brasil precisava.

Além disso, Khatlab destaca que d. Pedro II trouxe muitos livros, máquinas, instrumentos científicos, plantas, sementes e objetos de diferentes culturas que serviram de base a várias instituições científicas, educacionais, industriais e atividades agrícolas.

A obra *As Viagens de D. Pedro II, Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876*, de Roberto Khatlab, é um excelente exemplo de levantamento documental. Com um vasto conjunto de fontes, o autor nos destaca um período, muitas vezes, ignorado da história do Brasil, e com grandes impactos em nossa história. Khatlab, ao reproduzir quase que completamente o diário de d. Pedro II em sua obra, cumpre com maestria seu objetivo, que compreende apresentar o Oriente Médio e a África do Norte a partir do olhar do monarca.

Por fim, vale destacar que o autor não realiza um árduo trabalho de contextualização das fontes e períodos históricos das viagens de d. Pedro II. E, apesar de destacar bem o impacto delas para a imigração árabe para o Brasil, aborda de forma breve os impactos delas em outros setores da sociedade brasileira e mundial.

Porém, esse fator não tira a riqueza da obra que nos apresenta um acervo documental que abre portas para futuras pesquisas e contribuições para o estudo das viagens não oficiais de d. Pedro II.

REFERÊNCIAS

KHATLAB, Roberto. **As Viagens de d. Pedro II: Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876.** São Paulo: Benvirá, 2015.

Recebido em: 01/11/2015

Aprovado em: 11/01/2016

Publicado em: 29/01/2016